



SEÇÃO: RESENHA

Violência social e formas de subjetivação na contemporaneidade em Trauma na Civilização

Social violence and forms of subjectivation in contemporaneity in Trauma in Civilization

Amanda Franco¹

orcid.org/0000-0002-2193-3964
amanda.fernandes.f@gmail.com

Recebido em: 10 maio 2022.

Aprovado em: 13 jun. 2022.

Publicado em: 7 out. 2022.

Resumo: A resenha propõe discorrer sobre o tema geral do livro *Trauma na Civilização*, lançado no ano de 2020, e suas contribuições para o campo da psicanálise em suas articulações com a política. Os autores buscam expandir a noção de trauma, retirando-o de sua condição exclusivamente individualizante e apontando para as modalidades de sofrimento que dizem respeito às violências sociopolíticas.

Palavras-chave: Trauma. Violência. Psicanálise. Política. Sociedade.

Abstract: The review aims to bring an overview of the book *Trauma in Civilization*, released in 2020, and its contributions to the field of psychoanalysis in its articulations with politics. The authors seek to expand the notion of trauma, removing it from its exclusively individualizing condition and pointing to the modalities of suffering that relate to sociopolitical violence.

Keywords: Trauma. Violence. Psychoanalysis. Politics. Society

CHEMAMA, Roland; HOFFMANN, Christian. *Trauma na Civilização*. 1. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

Trauma na civilização é um livro que propõe pensar as articulações entre psicanálise e política de uma maneira bastante ousada e original. O título se ancora no escrito freudiano, *Mal-estar na civilização* (FREUD, 1996),² que discorre sobre as infelicidades às quais os sujeitos que adentram o campo da cultura estão inevitavelmente imersos, tendo em vista que para tanto é necessário renunciar uma importante parcela da vida instintual.

O livro em questão vai além, utilizando-se de conceitos psicanalíticos importantes como a pulsão de morte – força constante e propulsora de moções destrutivas e de desagregação tanto no aparelho psíquico quanto no laço social –, para refletir sobre os impactos individuais e coletivos dos atentados terroristas nas subjetividades, a partir de uma psicanálise pensada em tempos de guerra. Guerra que difere daquela abordada por Freud em *Além do princípio do prazer* (2017)³ – uma guerra de trincheiras e de empobrecimento narrativo dos soldados que volta-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² *Mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud, foi publicado pela primeira vez em 1930.

³ Publicado originalmente em 1920.

vam do *front* de batalha traumatizados. A guerra contemporânea, à qual os autores se referem, se caracteriza pela indefinição das fronteiras; por uma ausência radical de contornos, levando-se em consideração que, muitas vezes, os conflitos atuais não dispõem de uma narrativa oficial de um Estado contra outro, ou seja, de uma guerra declarada.

O ponto inicial de análise são os ataques terroristas ocorridos na França entre 2015 e 2016, que deixaram muitos feridos e uma população inteira em estado de alerta. A guerra em questão não pode ser assimilada pelos formatos imaginários que dispúnhamos acerca dessa temática, enquanto uma guerra entre Estados distintos e, nem mesmo, enquanto uma guerra civil já que, como lembram os autores, o "inimigo" é sentido como externo. Com isso, é possível estabelecer a noção de uma guerra "difusa" e ilimitada que não conta com um suporte espaço-temporal delimitado e que tende, dessa forma, a potencializar ainda mais os efeitos traumáticos advindos de um estado de choque pelo qual não é possível ser realizado nenhum tipo de preparação ou mediação pela palavra. "Isso nos obriga a pensar o trauma em função desta nova guerra que não se diz" (CHEMAMA; HOFFMANN, 2020, p. 85). O trauma consiste justamente em uma sobrecarga do aparelho psíquico devido a uma situação excessiva a qual não se dispõe dos recursos simbólicos necessários para o enfrentamento, lançando o sujeito de volta ao seu desamparo estrutural. "É no fracasso da representação do real pelo discurso que Lacan situa o traumatismo. O que faz do trauma a experiência subjetiva de um real inassimilável" (CHEMAMA; HOFFMANN, 2020, p. 84).

A estratégia desse novo terrorismo de recrutar jovens de diferentes origens e situados em cenários diversos, contribui para o tormento gerado por "um espaço fluido, sem fronteiras, em que os movimentos são instantâneos e onde o inimigo não é claramente identificável" (CHEMAMA; HOFFMANN, 2020, p. 31). À essa característica da "ilimitabilidade" da guerra, os autores aproximam de uma característica bastante discutida

a respeito da subjetividade contemporânea: a dificuldade no estabelecimento de limites e o empuxo a um gozo desenfreado.

Dessa forma, podemos concluir que as dificuldades e o mal-estar no campo social e sexual seguem vigentes. O que a neurose – forma privilegiada de adoecimento diante do mal-estar nos tempos de Freud – nos revelava era uma forte repressão dos afetos e interdição generalizada da sexualidade; atualmente, o sofrimento se desloca para um imperativo, igualmente superegótico, que demanda que os sujeitos gozem sem limites. "O gozo, fundamentalmente, é o excesso" (CHEMAMA; HOFFMANN, 2020, p. 44). O campo do desejo, assim, sendo obliterado tanto em um extremo de renúncia quanto no polo oposto de um gozar a qualquer custo. À essa questão, os autores interrogam: "Podemos dizer que o ilimitado em ação na guerra vem redobrar o que podemos apreender de um ilimitado na busca de gozo do sujeito contemporâneo? É isso que a confirma? Ou isso que a renova?" (CHEMAMA; HOFFMANN, 2020, p. 41). É uma interrogação que põe em questão as modalidades políticas e o sofrimento decorrente do modelo neoliberal ao qual estamos expostos, assim como, das novas modalidades de subjetivação necessárias para fazer frente a essas demandas.

Diante do sem sentido, o trabalho clínico restaria em fiar teias narrativas que possibilitem um enodamento dos diferentes níveis: individuais, transgeracionais e coletivos que são atravessados e reorganizados a partir da experiência do traumatismo. "Ao nomear uma situação, começamos a nos dar um meio de situar seu sentido" (CHEMAMA; HOFFMANN, 2020, p. 69). Além disso, é possível ressituar os eventos traumáticos dentro de uma rede que comporta um senso de historicidade já que os traumatismos individuais tendem a se anexar aos traumas coletivos e histórico-políticos, podendo acarretar conflitos subjetivos que são, inclusive, formados a partir de uma base conflitual política.

Ao longo do livro reivindica-se o lugar político da psicanálise, que acabou desaparecendo, segundo formulação dos autores, pela "buro-

cratização" dos próprios psicanalistas que glorificavam uma postura "neutra", e que "queimou a percepção da dimensão crítica do discurso freudiano sobre o olhar do político" (CHEMAMA; HOFFMANN, 2020, p. 48). A defesa dos autores é por um posicionamento ético dos psicanalistas diante das modalidades sociopolíticas de sofrimento que possam contribuir com uma ampliação dos saberes acerca do campo social. Os autores também nos lembram que a forma de sofrimento que se acentua no contemporâneo é justamente a depressão, que vem denunciar a impossibilidade desse mandato de gozo da cultura desde uma recusa radical em inserir-se nesta modalidade de laço que visa uma fruição sem limites. Dessa forma, a depressão hoje pode ser comparada à histeria dos tempos de Freud; ambas agindo enquanto formas de sofrimento que denunciam, através do exagero sintomático, o mal-estar presente em uma determinada cultura e tempo específico.

Diante do real do traumático, a direção da cura se daria no sentido de transformar o real em sintoma, já que contando com este movimento algo de um deslocamento simbólico poderia ocorrer e restituir alguma posição possível aos sujeitos antes assujeitados e paralisados pelo inominável. Além dos espaços clínicos, é fundamental que se possa contar com uma mobilização dos governos e da sociedade civil para agir como uma tela protetora para estes sujeitos que se encontram mais vulneráveis ao traumatismo por sucessivas violações de direito e por dispor de pouco suporte por parte do Estado. A responsabilidade, dessa forma, também não pode ser individualizada – seguindo na esteira do movimento neoliberal – para as pessoas atingidas e os profissionais de saúde, mas, sim, enquanto uma responsabilidade coletiva que diz respeito a todos nós.

Vale destacar que essa obra, apesar de trazer importantes contribuições para a reflexão acerca dos traumas histórico-políticos, diz respeito ao contexto político e social francês. Dessa forma, não é possível realizar uma mera justaposição ao contexto brasileiro que conta com uma série complexa de especificidades no que tange não

só aos marcadores sociais como raça, classe e gênero, mas, também, com uma historicidade própria. A recusa em admitir tais diferenças implicaria em uma leitura simplista e igualmente desimplicada socialmente.

Referências

CHEMAMA, Roland; HOFFMANN, Christian. *Trauma na Civilização*. 1. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil* ("o homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239.

FREUD, Sigmund. Mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)* Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 38-92. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 21).

Amanda Franco

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Mestranda em Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Amanda Franco
Ramiro Barcelos 1793/602
Bom Fim, 90035-006
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.